

1 0 7 1 5 8 8 6 TGI -II

Banca examinadora:

CAP - Luciana Bongiovanni Martins Schenk

GT - Lúcia Zanin Shimbo

Convidado - Mariana Fontes Pérez Rial

2024

andré luis ferreira mascarenhas

# Terra Da Gente

# 1. Base Teórica

Dentre os fenômenos sociais e culturais que mais definem o momento contemporâneo, o envelhecimento populacional é um tema de grande relevância, na medida que as projeções de inversão da pirâmide etária apontam para uma possível crise social. Devido a instabilidade econômica generalizada, mudanças culturais, ou outros possíveis fatores, as pessoas tendem cada vez mais a não ter filhos, implicando na queda da taxa de natalidade.

Constata-se essa realidade nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apontam que no ano de 2025, calcula-se que o Brasil tenha a sexta maior população de idosos do mundo, em números absolutos. Como colocado na data base do IBGE, é também estimado um salto expressivo na parcela que a população idosa (com 65 anos ou mais) representa no Brasil: enquanto em 2022 ela já equivale em torno de 10% da população total brasileira, para 2060 se estima que represente mais de 25%. Com isso, o grupo demográfico que hoje representa um décimo do Brasil, uma porcentagem já significativa, em menos de 50 anos pode constituir um quarto da população.

Historicamente, o comum para membros mais velhos das sociedades humanas era encontrar apoio e acolhimento em suas comunidades, muitas vezes suas famílias, ao passo que perdiam sua capacidade de viver autonomamente ou de assumir seus papéis sociais de costume. Contudo, em um cenário em que grandes parcelas da população que serão idosos também não terão filhos, imagina-se que muitos não terão acesso fácil a ambientes e recursos adequados para viver bem, o que, quando se atravessa com as projeções de crise previdenciária, desenha a expectativa de parcelas consideráveis de idosos especialmente desfavorecidos e vulneráveis social e economicamente.

Ao passo que essa crise afetará, de uma forma ou outra, pessoas de todas as faixas etárias, pode-se imaginar que o etarismo - já extremamente presente hoje - estará munido de rancor contra as gerações idosas, uma vez que estas representarão uma parcela custosa da população, a qual acarretou crise em uma sociedade em que valor individual é associado à capacidade produtiva de cada um.

Algo similar ocorreu na década de 1930, durante a grande depressão estadunidense, quando o plano de Townsend, uma medida que oferecia pensão a idosos aposentados (com a condição de que gastassem o dinheiro rápido para aquecer sua economia local) gerou um perceptível ressentimento na população contra a figura do idoso, que passou a ser satirizado e criticado como um membro improdutivo e custoso da sociedade, responsável em parte pela situação econômica do país, o que desdobrou na formação de um dos primeiros movimentos políticos da população idosa em resposta.

Contudo, como se desenvolve essa percepção de idade, agrupada quase como classe social, quando na realidade há diversos outros fatores mais impactantes no local que um indivíduo assume em sociedade? Couto (2009) aponta que, por mais que o etarismo seja tão marcante hoje, mesmo em sociedades onde idosos possuíam maior prestígio social, a experiência do idoso sempre esteve diretamente relacionada com suas condições materiais e status. Afinal, envelhecer não é de fato um

fenômeno singular e homogêneo, com que se pode entender e definir toda uma parcela da população, mas sim parte do processo fluido, contínuo e particular que é viver.

A partir do texto “Novas imagens do envelhecimento e a construção social do curso da vida”, de Tamara Hareven (1995), pode-se entender que, ao passo que o envelhecimento é um fenômeno biológico, seus significados são profundamente culturais. No texto a autora mostra que não só a terceira idade como todas as faixas etárias, na forma como são vistas hoje (etapas delimitadas com funções sociais determinadas), se desenvolveram em resposta a pressões por organização da sociedade no contexto moderno.

O desenvolvimento de centros urbanos no século 19 e a mudança do ambiente rural para as cidades marcou uma grande mudança na forma de trabalho da maior parte da população dos Estados Unidos e Europa, e isso, por sua vez, transformou e redefiniu as dinâmicas e estruturas daquelas famílias. Para a vida no campo, era interessante que famílias se mantivessem agrupadas, em grandes

quantidades, pois seus laços se formavam a partir de uma visão instrumental das relações familiares - famílias trabalhavam juntos, tinham filhos com mais frequência, sendo comum que um casal sempre tivesse filhos em casa, de diferentes idades. A função de pais não era delimitada a alguma janela específica e finita da vida, em contraste com a dinâmica moderna, nuclear, em que pais têm filhos por pouco tempo, que eventualmente devem sair e formar seus próprios núcleos. (Hareven, 1995)

“A família moderna... se separa do mundo e opõe à sociedade grupos isolados de pais e filhos. Toda a energia do grupo é gasta em ajudar os filhos a subir na vida, individualmente e sem qualquer ambição coletiva: os filhos mais que a família” (Philippe Ariès. Centuries of Childhood)

Já nesse processo, encontra-se uma mudança da experiência do idoso em sociedade, que agora era socialmente esperado a criar poucos filhos e eventualmente não morar junto deles, pois essa

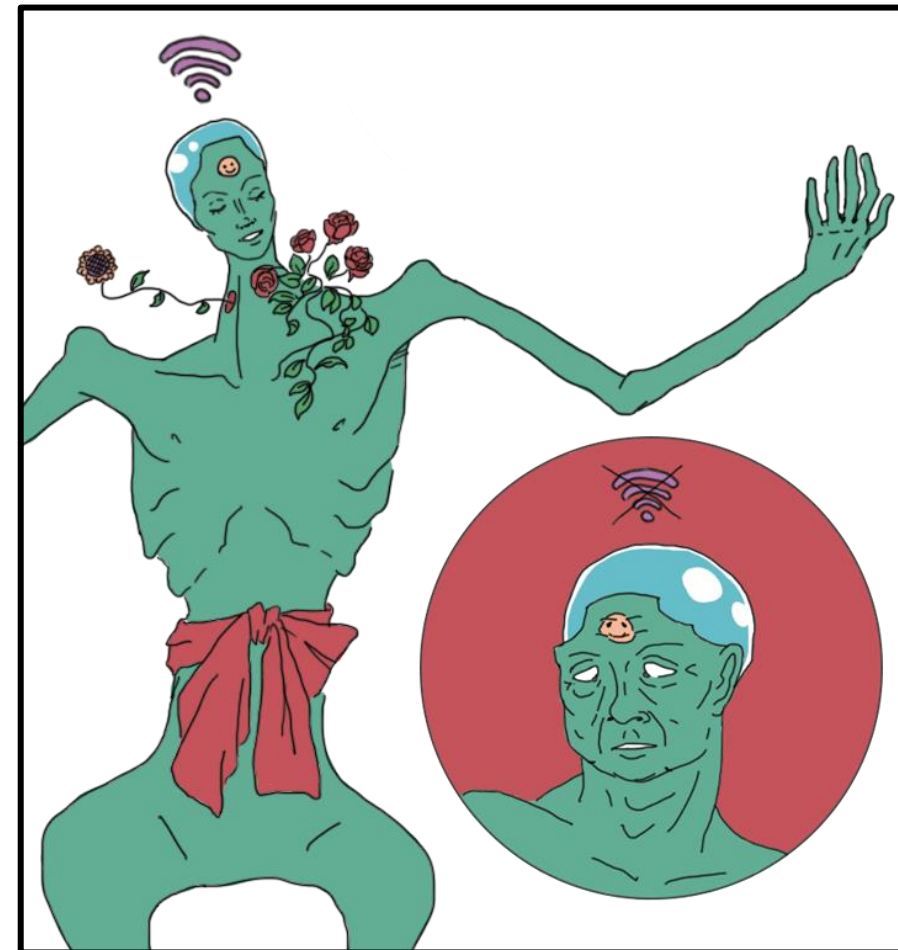
essa dinâmica já não se encaixava em certos contextos modernos. Mas para além disso, esse isolamento e individualismo citado por Ariès, que passou a caracterizar a família urbana, também desdobrou no começo da formação da divisão da vida em faixas etárias.

Com a concentração de diferentes núcleos familiares de diferentes origens nos centros urbanos, iniciou-se uma preocupação com grupos de jovens, particularmente de classes mais baixas, que se reuniam pela cidade em seu tempo livre, quando jovens ditos indisciplinados passaram a ser vistos como “classes perigosas”. A pressão dessas preocupações gerou debates e estudos acerca desses grupos, e dessa necessidade de “organização social”, desenvolveu-se no início do século 20 a ideia de adolescência, já associada a medidas e ocupações que seriam esperadas desse grupo - A definição da idade escolar ao ensino médio no final do século 19, o aumento adicional do limite da idade para o trabalho infantil e o estabelecimento de reformatórios e escolas vocacionais para jovens fazem parte desse reconhecimento público dos problemas e papéis da adolescência. (Hareven, 1995)

Durante o século 20, esse fenômeno foi reproduzido para outras faixas etárias, articulando novos “estágios da vida” que se afastavam da percepção da vida como uma experiência contínua e variável, na medida em que se criavam papéis e expectativas cada vez mais delimitados que um indivíduo idealmente deveria cumprir, em resposta ao medo da desorganização que os novos ambientes urbanos causavam, particularmente nas classes médias - assim, progressivamente, desenvolviam-se as expectativas que definiriam a experiência em sociedade ideal para crianças, adolescentes, jovens adultos, adultos, e assim em diante.

“Os idosos receberam comparativamente pouca atenção, porque não eram considerados perigosos para a ordem social. O argumento contra negligência das crianças era que elas poderiam ser adultos perigosos e socialmente destrutivos. Nenhum argumento paralelo se aplicava aos idosos. Numa sociedade que perdera seu medo da vida após a morte, e em que a consciência e o contato com a morte não se integrava na vida quotidiana (pois a morte não tinha mais um poder mítico sobre os vivos), não havia razão para temer qualquer vingança dos idosos.” (Hareven, 1995)

Pode-se imaginar que uma grande raiz do caráter monótono, solitário e esquecido que caracteriza o envelhecimento para tantas pessoas vem desse desinteresse no papel do idoso nas novas relações sociais e familiares, pois dentro dessa dinâmica delimitada e limitadora, ele já cumpriu, ou devia ter cumprido, o que era esperado dele pela sociedade. No lugar da terceira idade ser tida como mais um ponto no tempo de uma experiência contínua e progressiva, ela é delimitada e culturalmente colocada como uma fase sem propósito ou utilidade particular.



Hareven coloca que essa transição para o espaço urbano transformou as relações familiares de instrumentais, para estritamente sentimentais, tendo a sentimentalidade e a intimidade como forças de coesão familiar, o que por sua vez acarretou no enfraquecimento da interdependência entre membros da família nuclear e seus demais parentes. Em uma cultura progressivamente individualista, laços sentimentais parecem cada vez menos eficientes em manter famílias próximas.

Vendo tudo isso como um processo relativamente recente, as gerações de pessoas sem filhos parecem se encaixar como um desdobramento compreensível dessa redução do impacto dos laços familiares em prol das demandas que tanto individualizam sua experiência em sociedade. E dessa forma, as crises que tanto se preveem como consequência dessas gerações, também podem ser vistas como um possível desdobramento do mesmo fenômeno discutido.

2.

# Proposta Projeto



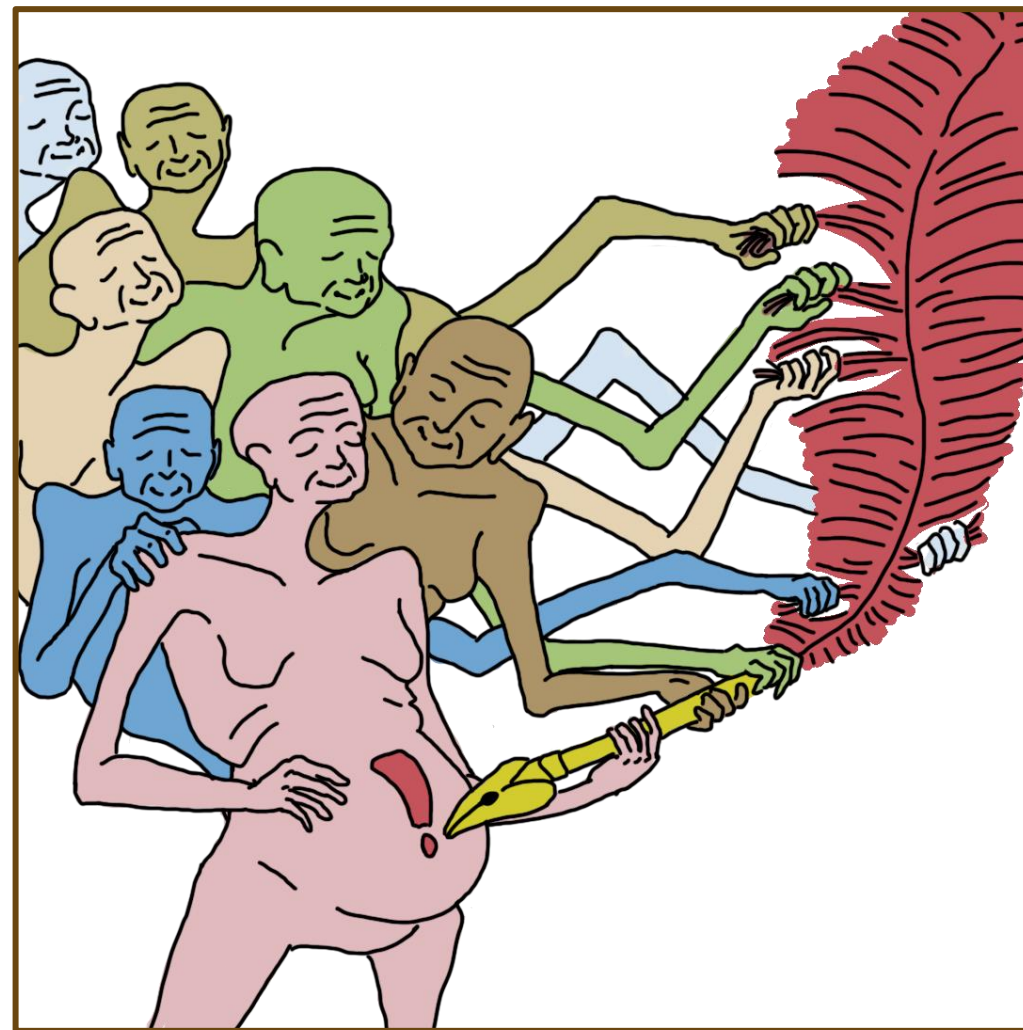
Enquanto se entende que o cenário explorado tende a ser amplamente complexo e se cruzar com diversos outros fatores além dos aqui discutidos, o presente trabalho se propõe a refletir sobre essa forma tão individual de envelhecer, e imaginar como mitigar um panorama em que uma parcela expressiva da população é idosa, solitária e vulnerável socioeconomicamente.

A solidão, apagamento e rejeição são alguns dos fatores que mais afetam a população idosa, podendo causar ou agravar uma série de problemas no reino da saúde física e mental. Além de ter sua integridade física comprometida, a terceira idade é estatisticamente mais vulnerável a desenvolver problemas como ansiedade e depressão, questões que marcam também as gerações mais novas, tornando-as mais propensas a sofrer expressivamente desses males ao envelhecer quando se imagina um cenário marcado por crise e etarismo.

Diante disso, idealiza-se um sistema bem articulado de habitação social para idosos de baixa renda, que não só viabilize o acesso à moradia e outros direitos básicos, como também promova um envelhecimento mais saudável e significativo.

Sabe-se que três pontos relevantes tanto para o aumento da expectativa de vida quanto para o zelo pela saúde física e mental, são a autonomia, o contato humano e o contato com a natureza, três princípios valorizados pela gerontologia. Com isso em mente, desenha-se um sistema que busca aglutinar e articular recursos já desenvolvidos para a população idosa, sendo - no âmbito da moradia - as repúblicas de idosos, casa-lares, e instituições de longa permanência de idosos (ILPI).

Consiste em uma política pública que prevê assistência e incentivo fiscal a repúblicas (ou residências com 3+ idosos) e a construção de conjuntos habitacionais que agrupem casa-lares e ILPIs, de forma a unificar seus serviços para moradores de diferentes graus de dependência, e promover o convívio e socialização entre idosos. Imagina-se esse sistema sendo gerido pelo Sistema Único de Assistência Social, com base no Fundo Nacional do Idoso, que financiaria a construção dos conjuntos. Arelado a isso, propõe-se que o sistema de serviços de administração, alimentação e lavanderia seja gerido pelos governos estaduais, enquanto cabe a cada município gerir seus profissionais de saúde - cuidadores e serviços de enfermagem.



3.

# Localização e Leitura

# Dourados, MS



Foi escolhida a cidade de Dourados para o desenvolvimento do projeto. Localizada no sul do estado do Mato Grosso do Sul, a cidade, apesar de ser relativamente nova (tendo obtido sua emancipação a apenas 88 anos) teve notável crescimento demográfico e urbano nas últimas décadas, e se destaca como um polo econômico, de saúde, educação e serviços na região, sendo hoje a segunda cidade mais populosa do estado.

Assim, toma-se o município como um local interessante para desenvolver o projeto, pois o crescimento populacional aliado à crescente rede de serviços e saúde, além do crescimento econômico em geral, têm tornado a cidade um lugar procurado por pessoas idosas.

Ao passo que o projeto se volta a um panorama futuro, foram levadas em conta as tendências de expansão da cidade, que ocorre no eixo Leste-Oeste, com mais expressividade a oeste da cidade.

mancha urbana atual  
áreas previstas de expansão



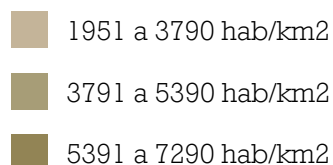
Expansão urbana

vias principais  
vias coletoras  
vias locais  
parques urbanos

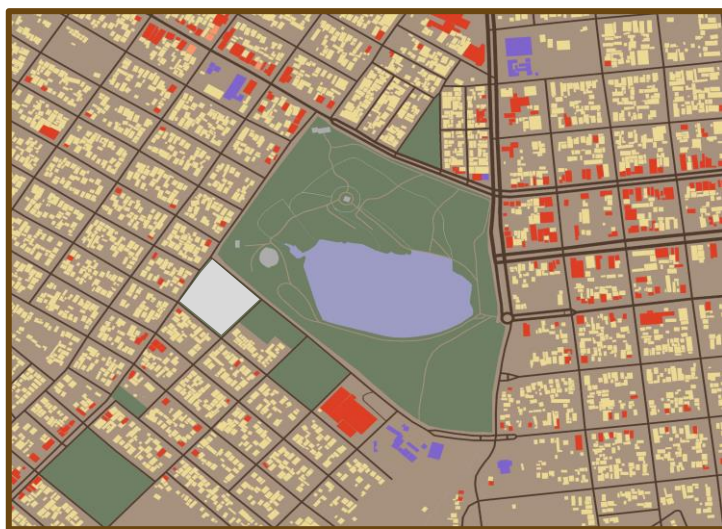


Hierarquia viária





Densidade habitacional



Uso do solo



Para determinar o sítio do projeto, adota-se como princípio que o local seja bem integrado à cidade, a fim de evitar que os residentes fiquem afastados da vida urbana, e favorecer que usufruam dos serviços necessários e se integrem na dinâmica local.

Aliado a isso, idealiza-se também que o projeto seja feito com proximidade a espaços com vitalidade urbana e contato com natureza, pontos relevantes para o envelhecimento saudável e ativo. Portanto, para encontrar pontos de interesse, foram destacados os parques urbanos da cidade junto à hierarquia viária.

Surge assim o Parque Antenor Martins, destacado na cartografia de hierarquia viária, como um ponto bem articulado com o sistema viário, e que se encontra a oeste da cidade, o que favorece que se mantenha articulado mesmo com a expansão da mancha urbana.

Constata-se com as cartografias ao lado que é uma região com predomínio residencial, e próxima a eixos comerciais e serviços institucionais.

Tomando o parque como referência, percebe-se duas situações distintas - as faces noroeste e nordeste, tangentes a eixos comerciais de ampla vida e densidade, e as sudoeste e sudeste, com menor densidade.

Assim, foi selecionado o lote a sudoeste do parque, tendo-o como um terreno não utilizado, vizinho tanto às regiões de movimento quanto ao espaço livre, mas também com um entorno menos denso, sendo assim um local interessante para se estabelecer a moradia de idosos antes da expansão urbana o tornar mais denso e competido.

4.

# Referências de projeto

# Cafeteria de Barro

Sang (Ghana), 2018



fonte: Hive Earth Studio

Fazendo uso de sistema construtivo misto, o projeto conta com paredes de taipa de pilão associados a uma cobertura de estrutura metálica. O uso da taipa vem da necessidade por conforto térmico e uso de materiais locais, preocupação que pauta toda a produção do estúdio ganês Hive Earth, e que nasce do panorama do déficit habitacional de Gana. Com o baixo custo da taipa e a abundância de matéria prima, o estúdio explora o potencial dessa técnica construtiva não só no âmbito técnico, mas também plástico, confeccionando paredes com camadas de tons distintos (por vezes usando tipos de terra diferentes, outras fazendo uso de óxidos e pigmentos) e explorando os desenhos que elas podem formar através da composição de camadas fluídas, curvas e dinâmicas.



# Complexo Eltheto

Rijssen (Holanda), 2015

O projeto se opõe à noção de que as necessidades do idoso se resumem a saúde e passividade. No lugar, propicia um ambiente estimulante voltado para a qualidade de vida e integração ao contexto social, sem deixar de oferecer moradia especializada para habitantes menos independentes.

Esse foco se baseia em pesquisas sobre o estilo de vida de diferentes perfis de idosos, e que apontam uma redução na expectativa de vida quando são afastados de seu estilo de vida para receber cuidados de saúde - o que propicia maior dependência e isolamento. Seu objetivo é manter os idosos socialmente ativos sem deixar de se adaptar às suas progressivas necessidades. Ao passo que um morador se torna mais fragilizado, ele se muda para um edifício no mesmo complexo, evitando que passe por mudanças radicais no estilo de vida ou círculo social.

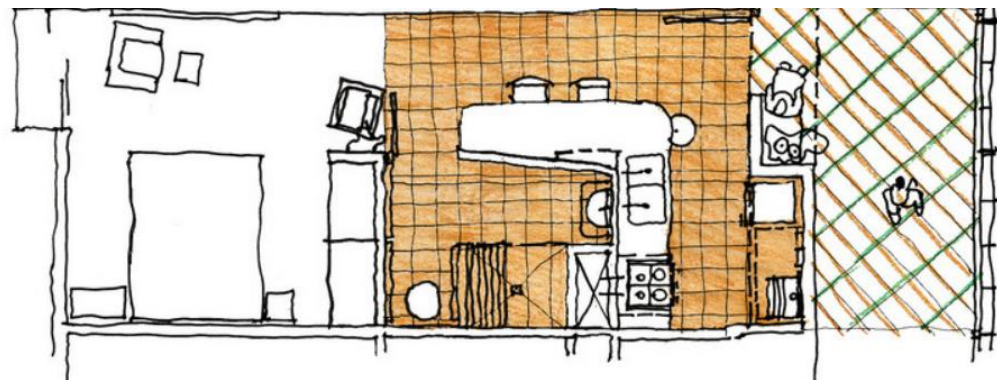


fonte: 2by4-architects



# Vila dos Idosos

São Paulo, 2007



fonte: Vigliecca & associados

O projeto é o primeiro fruto do programa “Morar no Centro”, da Companhia de Habitação Popular de São Paulo (Cohab), que busca oferecer moradia social digna e bem localizada. Seu desenho foi feito especificamente para o público idoso. Ele opera a partir do sistema de locação social e conta com 147 unidades distribuídas pelos quatro pavimentos de seu prédio, além de espaços de sociabilidade, lazer, e de evento. A planta dos apartamentos, além de se adaptar para oferecer segurança para idosos, varia a fim de receber moradores solteiros, casados, e portadores de deficiência. Os moradores participam ativamente da administração do prédio, e são contemplados com assistência médica pelo Programa de Atendimento ao Idoso (PAI)

5.

Projeto

# Implantação

O terreno selecionado ocupa uma quadra por inteira, quadra essa que se volta diretamente para o parque à nordeste. Considerando-se que a face noroeste do terreno está em uma rua com comércio e movimento, optou-se por fazer a abertura do conjunto voltada para o norte, desenhando-se uma praça de entrada que se abre para essas duas faces.

Atrás da praça há o espaço administrativo, que interrompe a cerca baixa que contorna a quadra (que por sua vez serve de intermédio entre o conjunto e a rua), permitindo entrada para o terreno. Além da administração do conjunto, esse espaço também foi projetado para receber o serviço de lavanderia e um espaço com churrasqueira voltado para realização de eventos tanto internos quanto externos, ao passo que painéis de correr permitem que ele se abra para a praça de entrada da mesma forma que se abre para a área pavimentada interna.

Adentrando-se no conjunto, o caminho principal leva ao jardim de convergência, no miolo da quadra, e em seguida à casa única (que opera como uma ILPI) enquanto caminhos complementares se direcionam aos jardins de convivência, espaços livres para onde as tipologias Casa-Lar se voltam em vizinhança.



Implantação





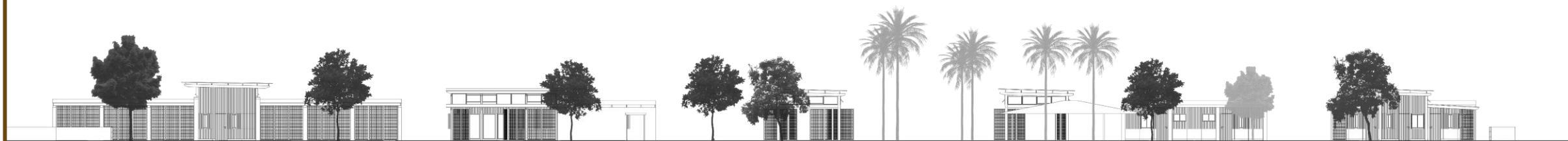
Implantação - vegetação



Implantação - diagrama



- Casa par (casa-lar)
- Casa prima (casa-lar)
- Casa única (ILPI)



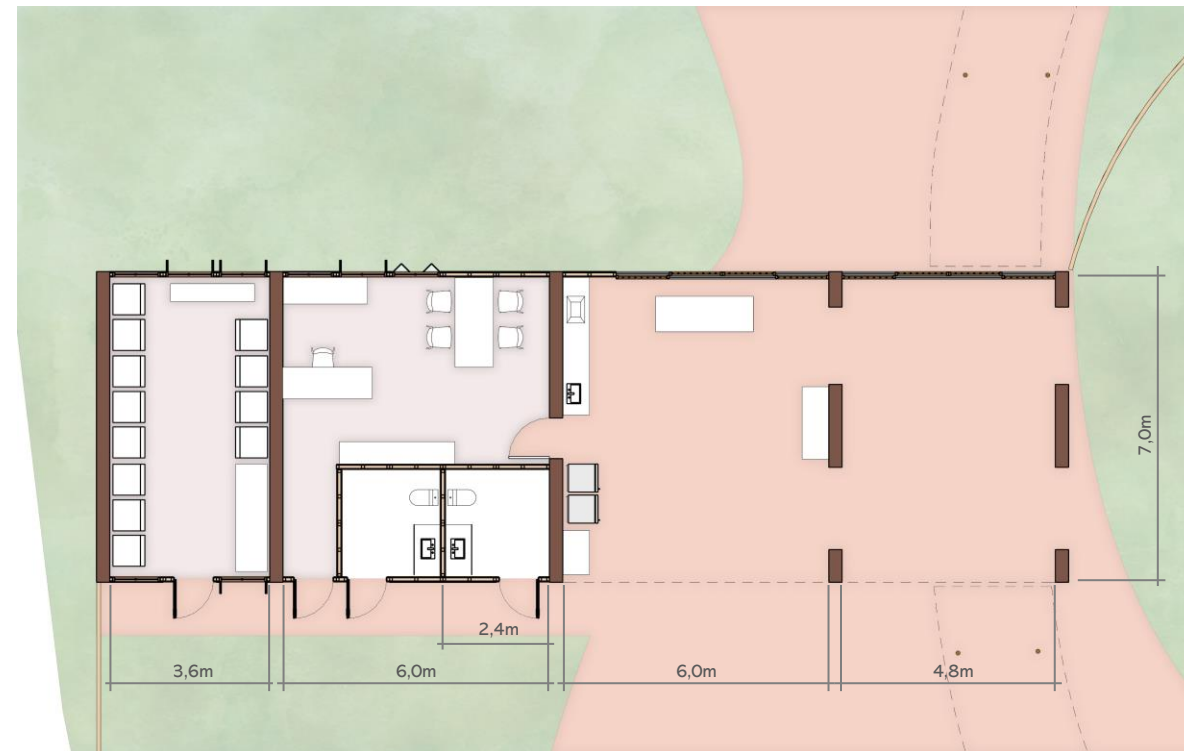
Corte A

50

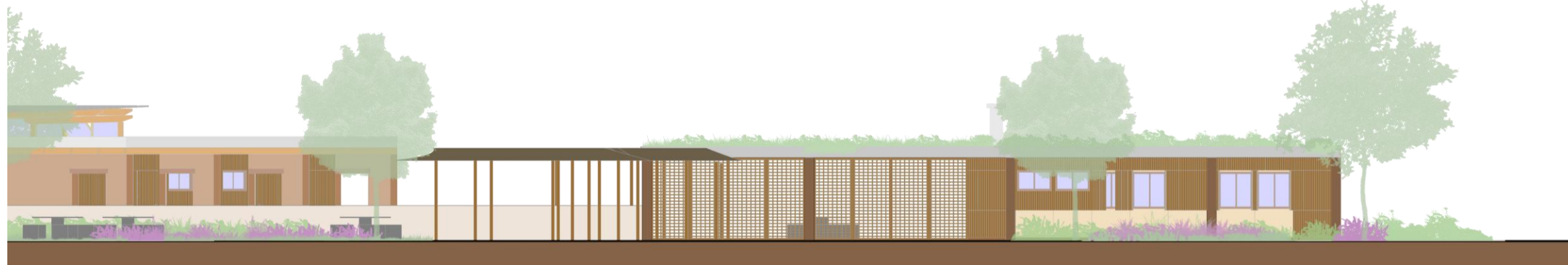




Praça de entrada 40



Espaço administrativo 5



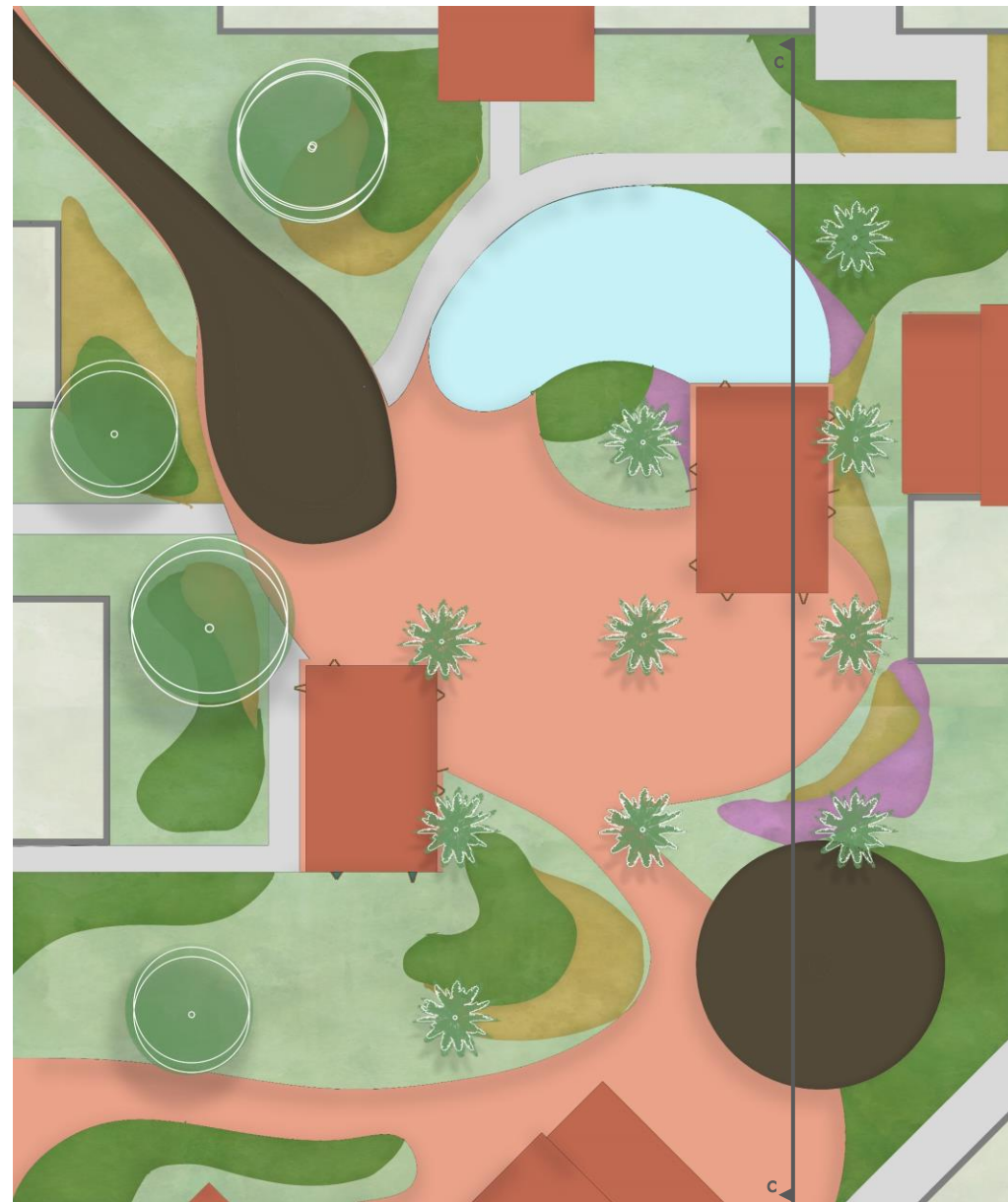
Corte B – praça de entrada 10

# Jardim de convergência

Uma cobertura de sapê abriga o pedestre desde a praça de entrada até o centro do quadra, onde está o jardim de convergência, um lugar mais expansivo cuja amplitude busca-se acentuar com o uso de palmáceas, que ressaltam seu espaço livre. Um lago artificial complementa e ameniza o clima da área pavimentada que, de uso livre, pode ser usada para exercícios, eventos ou outras atividades.

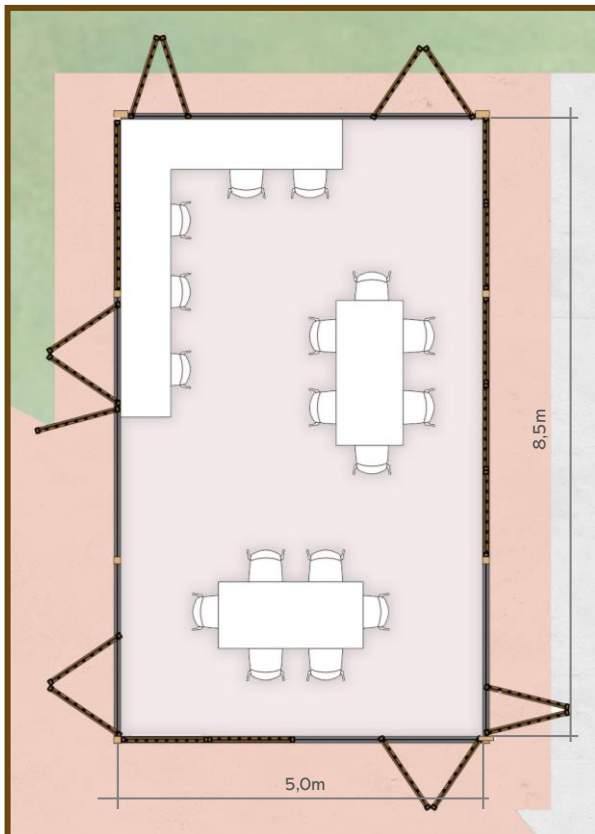
No lado oposto há outra cobertura de sapê, em formato circular, idealizada para conversas e reuniões do grupo de moradores, e aos lados do jardim, ateliês onde se pode trabalhar ou estudar na companhia de vizinhos.

No entorno do jardim se faz uso de arbustos que marcam os caminhos para as moradias. Tendo em vista a relevância da presença da natureza no envelhecimento saudável, idealizou-se uma disposição de vegetação arbustiva verde que marcasse a presença da natureza no plano do chão, de forma a complementar o plano das coberturas verdes acima, enquanto plantas com mais cor são usadas para adornar a paisagem. A vegetação arbustiva também foi usada para criar uma distinção visual entre os espaços mais íntimos da quadra, fazendo uso de tons amarelos e terrosos entre caminhos centrais e as unidades habitacionais.

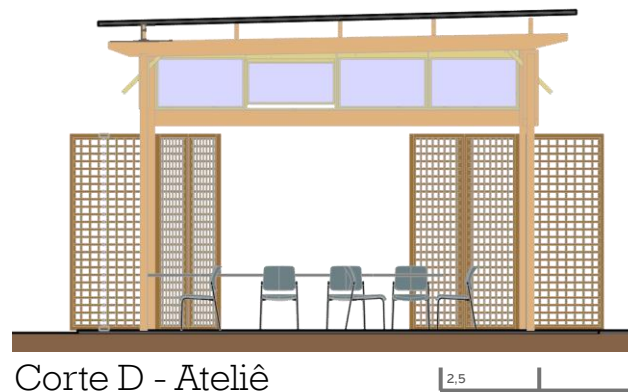


Jardim de convergência

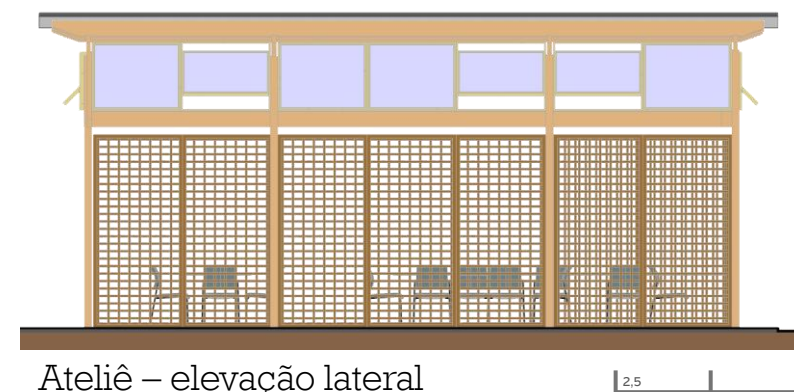




Ateliê



Corte D - Ateliê



Ateliê – elevação lateral



Corte C – Jardim de convergência

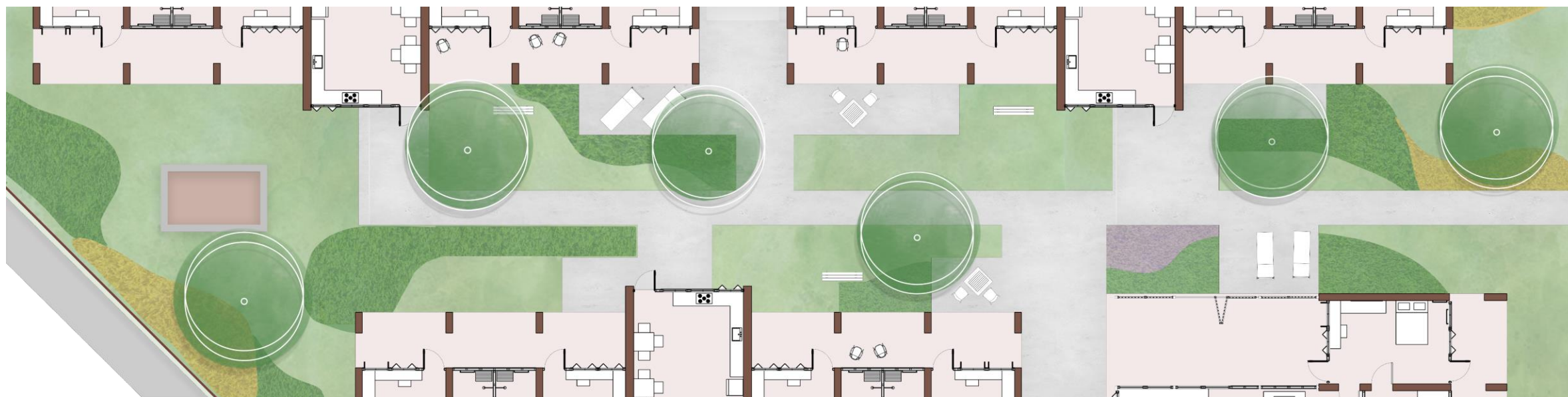
# Jardins de Convivência

Mais adentro do conjunto, o acesso às moradias de tipologia Casa-Lar se dá nos jardins de convivência, que buscam fazer uso das aberturas das unidades para envolver seus moradores em vegetação, dando continuidade à lógica das arbustivas mencionada anteriormente.

Os caminhos de passagem configuram um jogo ortogonal entre pavimentação e natureza onde se formam espaços externos de permanência e convívio, numa tentativa de estender o princípio das varandas para a área exterior, onde vizinhos possam aproximar suas interações, e mesclar suas rotinas caso assim desejem.

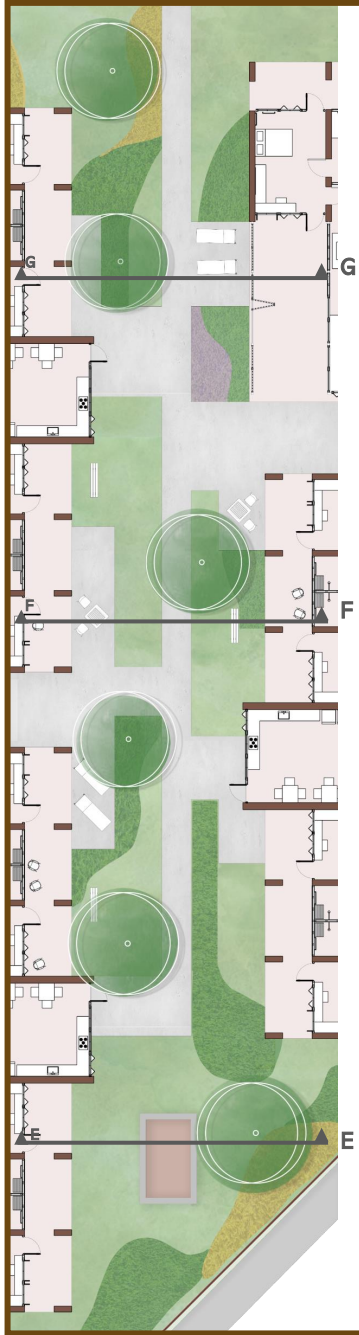
Também foram pensadas hortas coletivas, a fim de atribuir novas dimensões de uso, rotina e interação nesse espaço, que os vizinhos podem usar como desejarem.

Se sentir visto e pertencente ao seu entorno pode ser muito positivo para o desenvolvimento humano, e isso é particularmente estimulante para pessoas idosas. Apesar dos jardins de convivência seguirem uma lógica de unidade de vizinhança, ressalta-se que as unidades se abrem para diferentes jardins com diferentes vizinhos, idealizando assim a possibilidade de maiores redes de convívio e troca entre moradores.

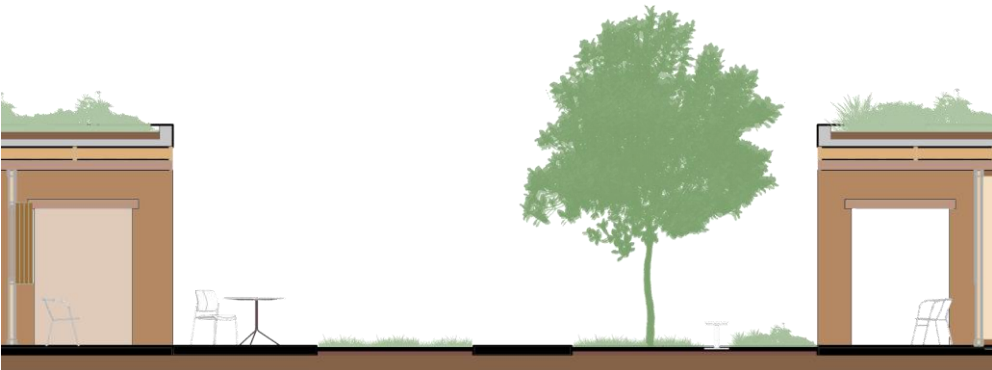


Jardim de convivência

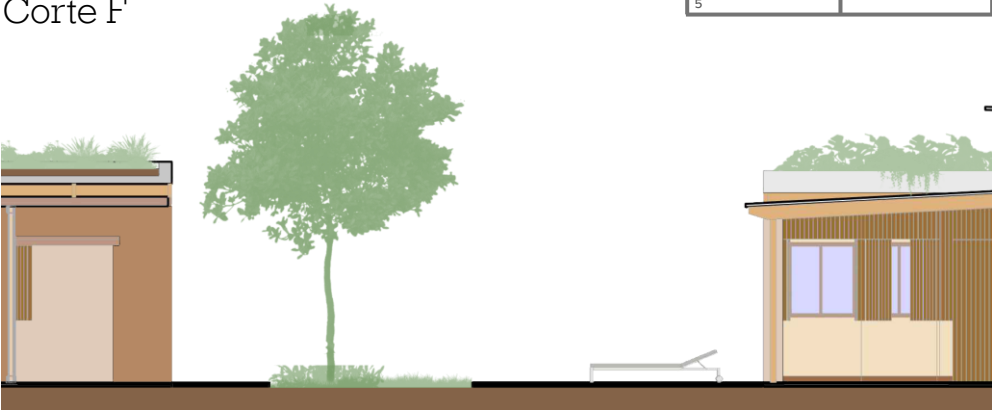




Corte E



Corte F

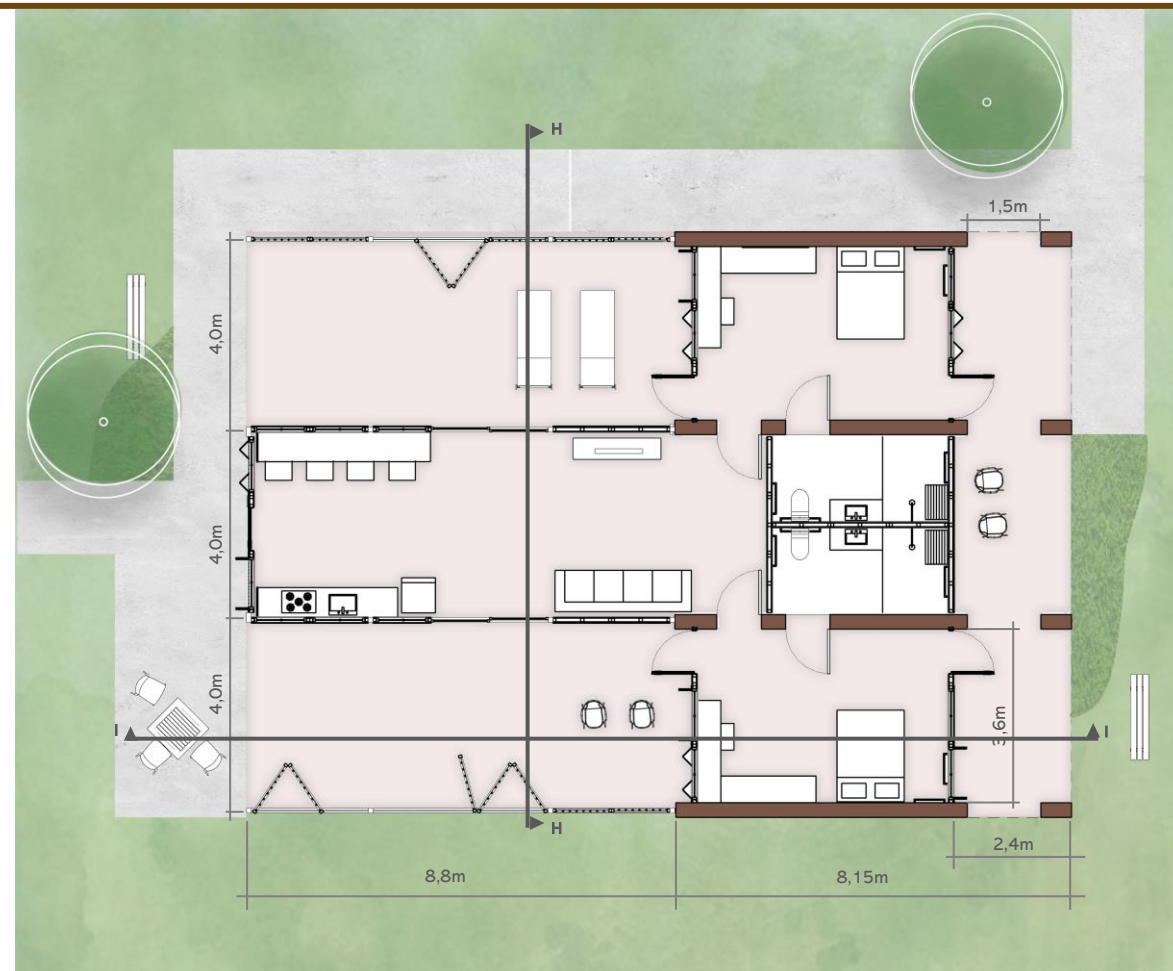
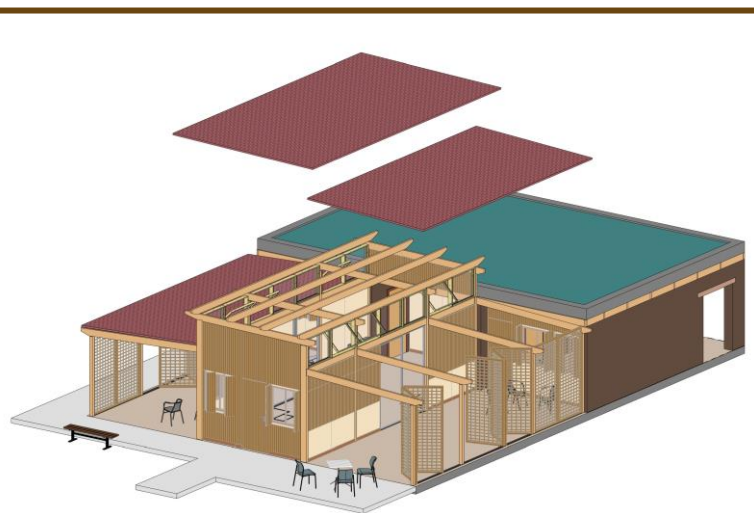


Corte G

# Tipologia casa par

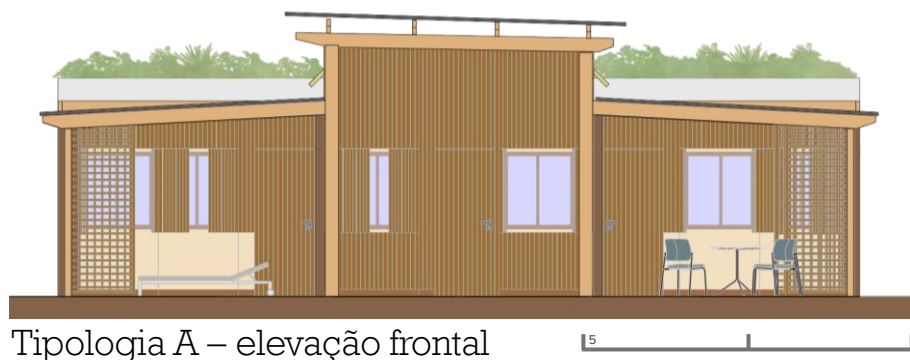
As varandas são um elemento importante para o projeto. O seu potencial em conectar o espaço interno ao externo e a forma com que favorece a interação entre moradores é muito bem explorado na região de Dourados, onde há uma cultura estabelecida de socialização frequente nesses espaços. Dessa forma, experimentou-se fazer uso delas a fim de potencializar a integração dos espaços externos e de convívio.

A tipologia casa par é pensada para moradores que tenham baixo grau de dependência. Possui espaços avarandados em três de suas faces, às quais os quartos têm acesso direto. Para a construção da sala e cozinha, foi usada uma estrutura em madeira que sustenta a cobertura em telha sanduíche e as duas varandas paralelas, com cobertura alvitra. Painéis articulados bloqueiam a visibilidade do interior quando desejado, mas também podem se abrir.



Tipologia casa par

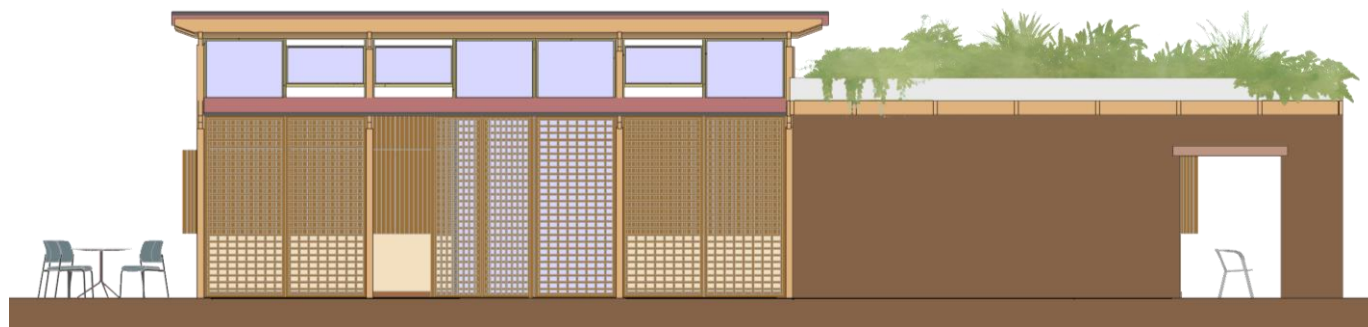




Tipologia A – elevação frontal



Tipologia A – elevação posterior



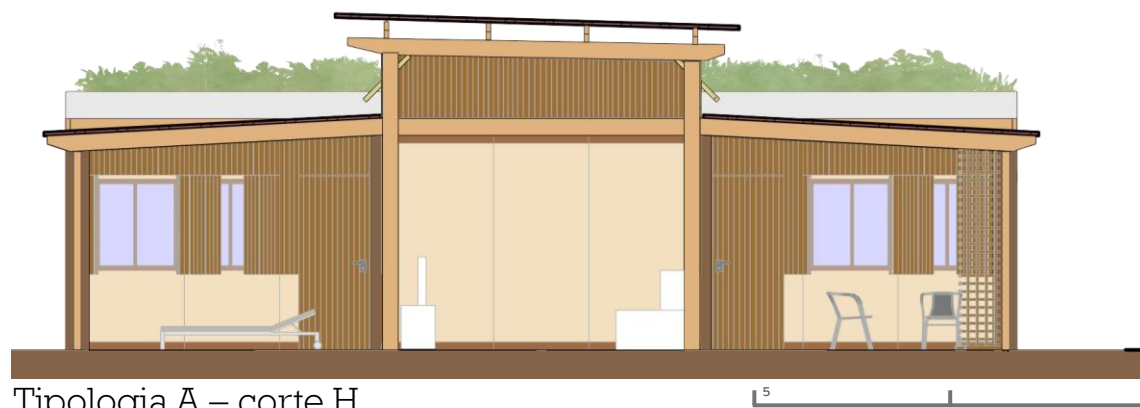
Tipologia A – elevação lateral

Assim, as grandes varandas se tornam alternativa de ambiente de estar, permanência e socialização, sendo oportunas para as épocas de intenso calor que caracterizam a região.

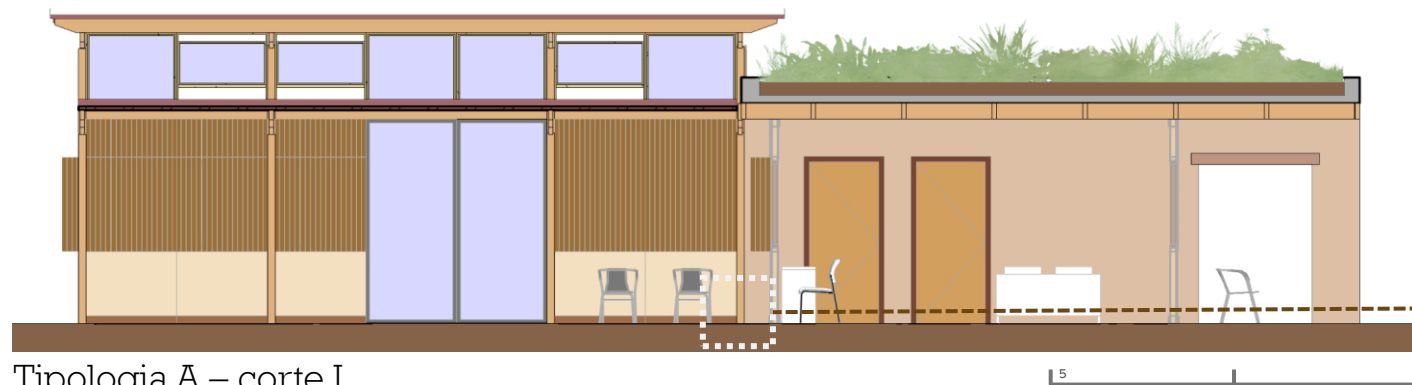
A cobertura em telha sanduíche se levanta acima das outras, abrindo espaço para esquadrias móveis que permitem ventilação e iluminação natural durante a maior parte do dia.

Já os quartos são construídos com taipa de pilão, e vedados com painéis de madeira, como as outras fachadas do projeto. As paredes sustentam uma cobertura verde transversal ao eixo da sala/cozinha que, similar à estrutura em madeira, também cobre uma varanda na elevação posterior.

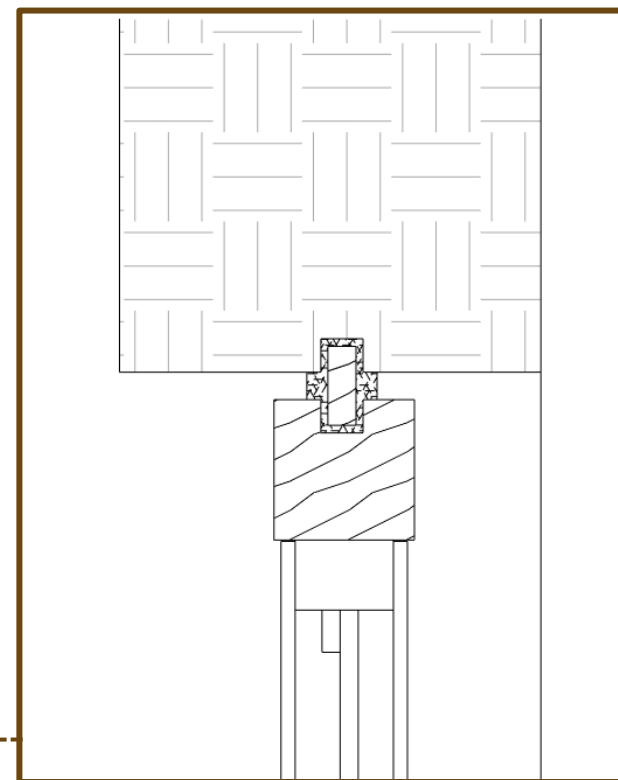
Para evitar que a umidade da parede de terra afete a estrutura de madeira, a interface entre as duas é feita através de uma peça intermediária, como mostrado no detalhe I a seguir.



Tipologia A – corte H



Tipologia A – corte I



Detalhe I

vista em planta - sem escala



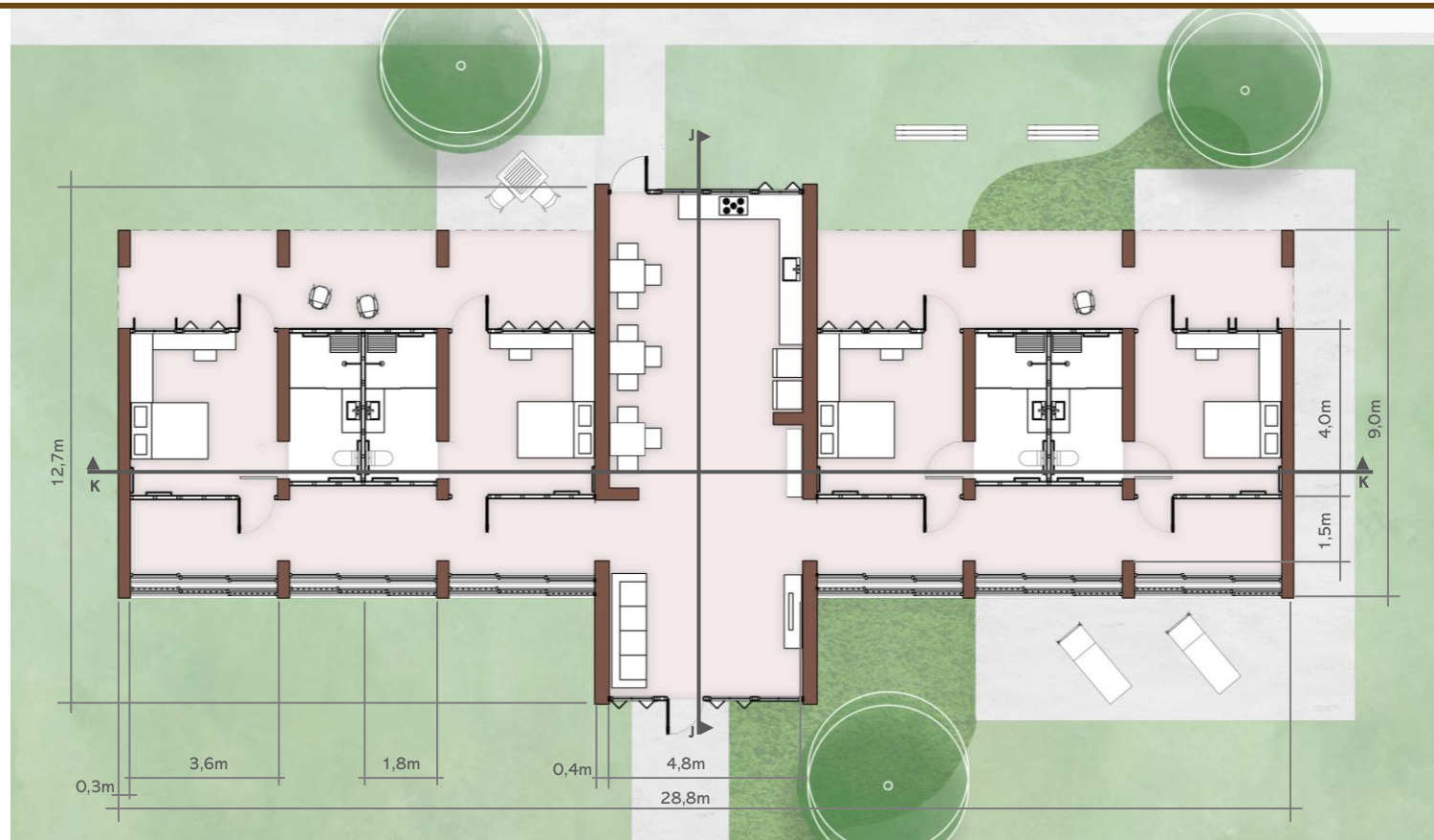
# Tipologia casa prima

Diferente da anterior, a segunda tipologia de Casa-Lar é inteira sustentada por uma sequência de paredes paralelas de taipa, que também configura seus espaços internos.

Tem capacidade para quatro a oito moradores, cada quarto com acesso à varanda aberta e banheiro próprio, adequado para parâmetros de acessibilidade.

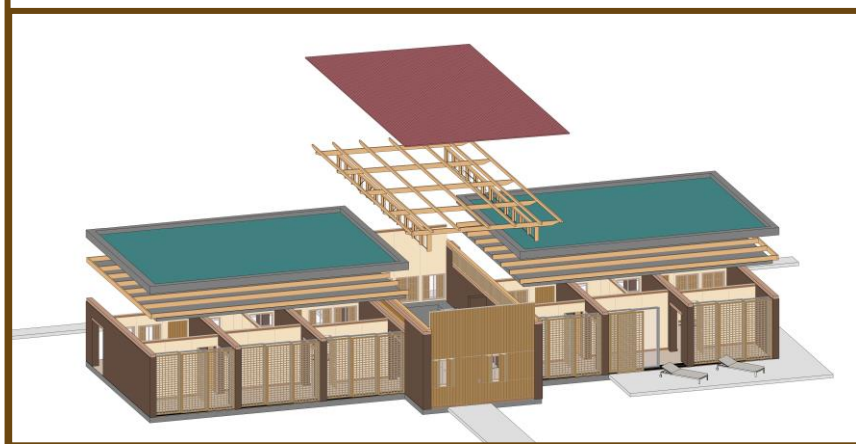
As varandas abertas trazem contato direto com o exterior a partir da porta do quarto, e, complementar a elas, a fachada oposta é vedada por painéis de vidro – por sua vez ocultados pelos mesmos painéis-brise usados na tipologia casa par.

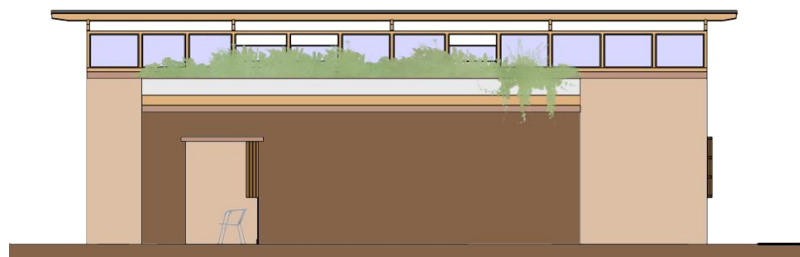
O ambiente de sala e cozinha se dá em um eixo central, o espaço comprido é sustentado por paredes mais espessas mais espessas, de 40 cm.



Tipologia casa prima

5

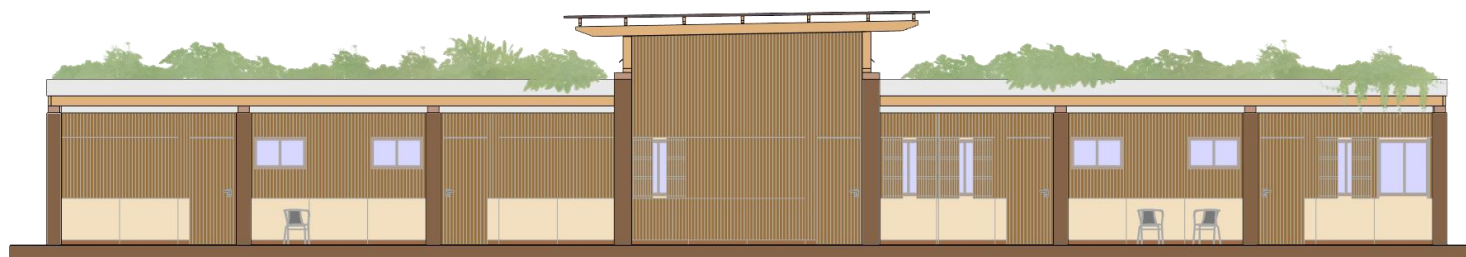




Tipologia B – elevação lateral



Tipologia B – elevação frontal



Tipologia B – elevação posterior

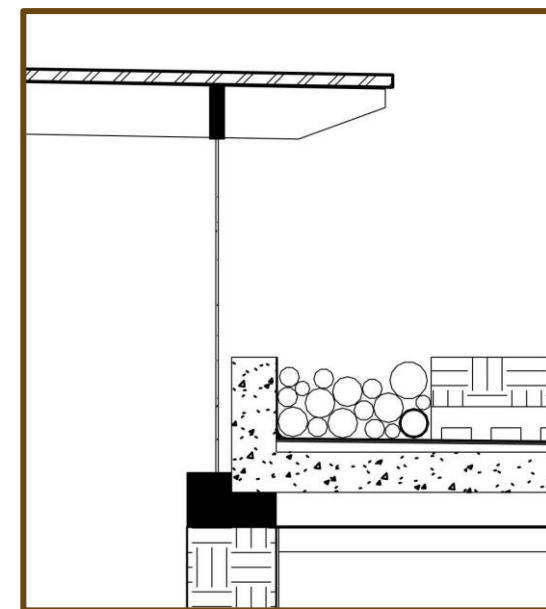


Como seu comprimento é superior a 9 metros, essas paredes precisaram de trechos perpendiculares de taipa para reforço, que por sua vez foram usadas para sugerir um limite visual entre sala e cozinha.

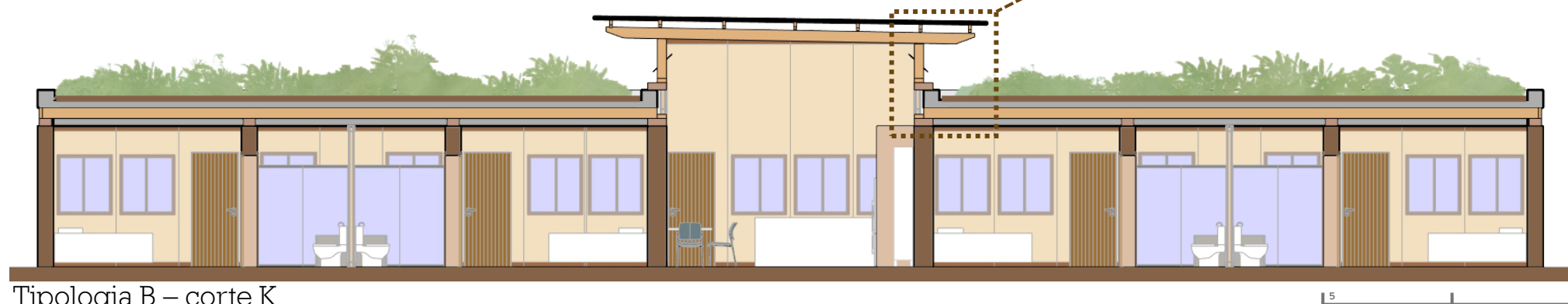
A cobertura desse ambiente é de telha sanduiche, e também se eleva em relação à cobertura verde, permitindo a instalação de esquadrias. Esse telhado, contudo, é sustentado pela taipa junto à laje da outra cobertura, fazendo uso da grande espessura que as paredes do meio requerem – metade da espessura da parede é usada para sustentar o telhado sanduíche, e os outros 20cm recebem cargas da cobertura verde ao longo da parede, como se ilustra no detalhe II.



Tipologia B – corte J



Detalhe II  
vista em corte - sem escala



Tipologia B – corte K

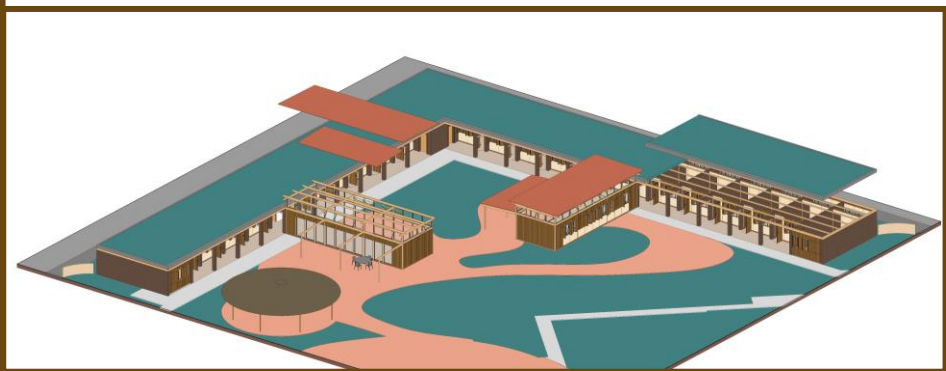


# Casa única

Frente à necessidade de moradia para residentes com grau alto de dependência, a casa única agrupa quartos espaçosos junto a dormitórios para cuidadores, que estão sempre presentes. Ela oferece espaços mais controlados e cuidadosos, com ambientes pensados para refeições coletivas, atividades de estímulo e convivência.

Na quina oposta à praça de entrada, o caminho principal que se estende do jardim de convergência leva aos espaços externos dessa construção, que avança para dentro desses espaços de forma a configurar um ambiente mais reservado.

As lâminas dos quartos acompanham os limites da quadra e se voltam para dentro do terreno. Do centro de cada lâmina agrupam-se ambientes administrativos e de serviços – a lâmina leste abriga uma sala de limpeza, copa, almoxarifado, e banheiro de funcionários.

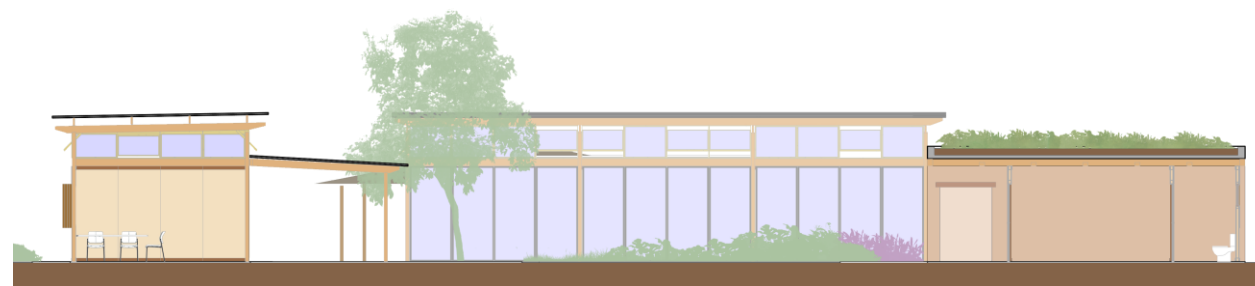


Casa única



A lâmina oeste, em seu vão central, recebe a cozinha, com dispensa, sala fria e acesso próprio à rua.

Das duas lâminas, projetou-se o refeitório e o espaço de atividades como extensões em estrutura de madeira, que são construídas e integradas ao sistema de taipa da mesma forma que a tipologia casa par.



Tipologia C – corte L



Tipologia C – corte M



Tipologia C – elevação sudoeste

# Referências

ALMEIDA, M. A B.de. Qualidade de vida: definição, conceitos e interfaces com outras áreas, de pesquisa / Marcos Antonio Bettine de Almeida, Gustavo Luis Gutierrez, Renato Marques: prefácio do professor Luiz Gonzaga Godoi Trigo. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH/USP, 142p.: il, 2012.

Couto, Maria Clara P. de Paula et al. Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro - ageismo. Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]. 2009, v. 25, n. 4 [Acessado 5 Janeiro 2023], pp. 509-518.

Castro, Gisela G. S.. O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. Galáxia (São Paulo) [online]. 2016, n. 31 [Acessado 5 Janeiro 2023], pp. 79-91.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação [Acesso em 20 dez 2022]. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>

Shiozawa, Pedro and Uchida, Ricardo Riyoiti. Social media during a pandemic: bridge or burden?. Sao Paulo Medical Journal [online]. 2020, v. 138, n. 03 [Accessed 6 January 2023], pp. 267-268. Available from: <<https://doi.org/10.1590/1516-3180.2020.0151.08052020>>.

SILVA, Thayse de Oliveira; SILVA, Lebiann Tamar Gomes. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. Rev. psicopedag., São Paulo , v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017 .

Jovchelovitch, S.. (2004). Psicologia social, saber, comunidade e cultura. Psicologia & Sociedade, 16(2), 20–31. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822004000200004>

Passos Maria Consuelo . A constituição dos laçosna família em temposde individualismo. Mental [en linea]. 2007, V(9), 117-130[fecha de Consulta 24 de Junio de 2024]. ISSN: 1679-4427. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=42000908>